

Aquilino, mestre das letras e da cidadania

27-Sep-2007

Os beirÃes, os tenazes e insubmissos beirÃes, foram pintados por Aquilino Ribeiro com expressionistas pinceladas em "O Homem que Matou o Diabo", "O Malhadinhas", "Terras do Demo", "Jardim das Tormentas" e "Andam Faunos pelos Bosques", e com vigorosos traÃos neo-realistas em "Quando os Lobos Uivam", que foi proibido e valeu um processo ao seu autor por pÃr em causa a polÃtica salazarista de florestaÃÃo forÃsada dos baldios ("A serra Ã dos serranos desde que o mundo Ã mundo, herdada de pais para filhos. Quem vier para no-la tirar, connosco se hÃ-de haver!").

No prefÃcio a "Terras do Demo" Aquilino, rechaÃando crÃticas Ã "literatura regionalista" assume-se modestamente "mais cronista do que carpinteiro de romance". "(...) o meu lexicon Ã o deles; as minhas vozes ouvi-lhas". "A aldeia serrana, como aquela em que fui nado e baptizado e me criei sÃo e escoreito, Ã assim mesmo: barulhenta, valerosa, suja, sensual, avara, honrada, com todos os sentimentos e instintos que constituem o empedrado da comuna antiga. Ainda ali hÃ AbraÃo e os santos vÃm Ã fala com os zagais nos silenciosos montes; ali roda o velho carro visigÃtico nos caminhos romanos, mais velhos do que eles. Ã% pagÃ, e crÃ em sua religiosidade toda exterior adorar o Deus de S. TomÃs. Conta pelo calendÃrio gregoriano estes terrÃveis dias de peste, fome e guerra, e estÃ imersa nos nebulosos tempos do rei Vamba".

Para se compreender verdadeiramente a obra de Aquilino necessÃrio se torna embrenharmo-nos no cenÃrio natural e antropolÃgico que o inspirou. Sentir o cheiro da caruma, a sombra dos castanheiros e o grasnar da gralha para viver plenamente as pÃginas carregadas de lÃcido bucolismo. Respirar a liberdade bravia dos seus modelos serranos para perceber o telurismo e a rebeldia do Mestre. NÃo sÃ a rebeldia do jovem revolucionÃrio que combateu a monarquia de pistola na mÃo, e a coragem do conspirador contra a ditadura salazarista (tendo pago a sua insubmissÃo com a prisÃo, o exÃlio e a censura), como a do intelectual refractÃrio a escolas e correntes literÃrias, apesar de estribado numa sÃlida erudiÃÃo e cultura clÃssica que lhe permitiu absorver influÃncias vÃrias (desde logo a influÃncia da vivacidade lexical do povo, estigmatizada de curiosidade "regionalista") e recriar (ou libertar!) a lÃngua portuguesa com a rara originalidade dos gÃnios.

Aquilino Ribeiro soube ser culto para ser livre. Dividiu a sua vida entre a leitura apaixonada dos clÃssicos e a luta pela liberdade e a igualdade. Uma vida acossada: trÃs vezes foi preso por motivos polÃticos e outras tantas se evadiu da cadeia e por duas vezes fugiu para o exÃlio em FranÃsa, na Alemanha e na Galiza. Pelo meio viveu. E amou a vida. Amou as Ãrvores, os bichos e as gentes que conheceu e que o moldaram como ser humano e como artista. Aquilino dizia que "o beirÃo converte a pedra em terra" - ele converteu a rudeza da linguagem e das personagens do povo no hÃmus da mais telÃrica prosa portuguesa, ombreando com Torga. E, tal como o autor de "Novos Contos da Montanha", ao se debruÃar sobre a riqueza da nossa terra e das nossas gentes, conseguiu universalizar a literatura portuguesa.

Aquilino Ribeiro podia e merecia ter recebido o prÃmio Nobel da Literatura, cuja candidatura muitos intelectuais em Portugal e no estrangeiro se esforÃaram por promover, trÃs anos antes da sua morte. Logo que esta foi noticiada, em 27 de Maio de 1963, a Censura proibiu os jornais de fazerem qualquer referÃncia Ã s homenagens que por todo o paÃs lhe foram prestadas. Lamentavelmente, parece que o anÃtema salazarista ainda nÃo foi revogado, mais de trinta anos passados sobre o 25 de Abril. Aquilino continua um escritor maldito, desconhecido da maioria dos portugueses.

A trasladaÃÃo dos restos mortais do mestre para o PanteÃo Nacional, resoluÃÃo da Assembleia da RepÃblica, aprovada, por unanimidade, em 20 de MarÃso de 2007, Ã um significativo sinal de serÃdio reconhecimento. Aquilino ficarÃ bem acompanhado ao lado de JoÃo de Deus, de Almeida Garrett e de Guerra Junqueiro. JÃ quanto Ã companhia de Ãscar Carmona, talvez que nem a de Humberto Delgado (de quem foi apoiante activo durante a campanha presidencial do "General Sem Medo") impeÃsa o mestre de se revirar no tÃmulo.

Mais importante, contudo, para honrar a memÃria de Aquilino Ribeiro seria a sua trasladaÃÃo para os currÃculos escolares. Como Ã possÃvel que um dos mais criativos e originais escritores de toda a histÃria da literatura portuguesa, e um dos mais importantes do sÃculo XX, se nÃo mesmo o maior, nÃo seja estudado nas nossas escolas?

Quanto Ã petiÃÃo que meia dÃzia de monÃrquicos em vias de extinÃÃo pÃs a correr contra as honras de panteÃo nacional a um "terrorista", preso por ajudar os "bombistas regicidas", sÃo tiros de pÃlvora seca que sÃ poderÃo fazer cÃcegas Ã alma granÃtica de um vulto com a envergadura moral do universal Aquilino.

Â

Â

Â

Â

Â

Â

Â

Carlos Vieira